



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE MEDIAÇÕES INTERCULTURAIS

Isabelle Fernandes de Oliveira

Neve Virgem: Uma Análise Descritiva do

Conto *Powder*, de Tobias Wolff

João Pessoa, março de 2017

ISABELLE FERNANDES DE OLIVEIRA

**Neve Virgem: Uma Análise Descritiva do
Conto *Powder*, de Tobias Wolff**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à Universidade Federal da
Paraíba como parte dos requisitos
necessários para a obtenção do grau de
Bacharel em Tradução.

João Pessoa, março de 2017

ISABELLE FERNANDES DE OLIVEIRA

Neve Virgem: Uma Análise Descritiva do
Conto *Powder* de Tobias Wolff

Trabalho aprovado em ____/____/____

Professora Ana Cristina Bezerril Cardoso, Dra.

Orientadora

Luciane Leipnitz, Dra.

Membro da Banca

Ms. Christiane Maria de Sena Diniz, Msc.

Membro da Banca

João Pessoa, março de 2017

*Dedico este trabalho a todos que
contribuíram direta ou indiretamente em
Minha formação acadêmica.*

Neve Virgem: Uma análise descritiva do conto *Powder*, de Tobias Wolff

Resumo

Este trabalho, que se insere na área dos Estudos da Tradução, teve como objetivo principal avaliar as escolhas tradutórias a partir da análise descritiva de duas traduções do mesmo texto realizadas pela mesma tradutora, em diferentes momentos, bem como fazer uma brevíssima avaliação do desenvolvimento de sua competência tradutória a partir do conhecimento adquirido, pela tradutora, ao longo do curso de Bacharelado em Tradução, na Universidade Federal da Paraíba. O processo de análise das traduções visou a obter respostas aos seguintes questionamentos: é possível, através da observação das escolhas tradutórias perceber a influência das experiências adquiridas pela tradutora ao longo da sua prática e da sua formação acadêmica (ou seja, o desenvolvimento da competência tradutória)? Como essas influências poderiam ser percebidas na própria tradução? Para a avaliação das traduções, foram adotadas categorias de análise que revelaram as seguintes tendências: a segunda tradução realizada apresentou maior consciência da tradutora sobre seu próprio fazer e, também, um aprimoramento da competência tradutória. Considera-se esta pesquisa de importância para os Estudos da Tradução, na medida em que contribui para a reflexão sobre a importância das práticas individuais do tradutor e da formação acadêmica específica em Tradução para o incremento da qualidade do texto traduzido.

Neve Virgem: Uma análise descritiva do conto *Powder* de Tobias Wolff

Abstract

This study, that takes place in the field of Translation Studies, aimed at analyzing translation choices from the descriptive analysis of two translations carried out by the same translator in different moments of her life; as well as evaluating the development of her translation competences acquired in the bachelor degree program at Universidade Federal da Paraíba. The process of analysis tried to answer the following questions: is it possible, through the observation of the translation choices, to notice the influence of the experiences acquired by her own translational practices and academic knowledge? How these influences can be seen in the translated text? For the evaluation of the translations, we adopted categories of analysis that revealed the following trends: The second translation presented a greater awareness of the translator of her own work and also an improvement of her translation competences. This research is important for the Translation Studies since it contributes the reflection about the importance of the translator's individual practices and of the acquisition of academic knowledge for the increase of the translation quality.

Sumário

1	Introdução	7
2	Referencial Teórico.....	11
3	Análise.....	18
3.1	Metodologia de análise	18
3.2	Categorias de análise	18
3.3	Subcompetências.....	32
3	Considerações Finais	33
	ANEXO A – Powder	36
	ANEXO B – Neve Virgem (2012)	40
	ANEXO C - Neve Virgem (2016).....	44

1 Introdução

Ao falar de Tradução entende-se que três grupos de pessoas deveriam ser previamente definidos: os consumidores de tradução, os criadores de tradução e os avaliadores de tradução. O primeiro grupo acredita-se que dedicam pouca ou mesmo nenhuma atenção ao processo tradutório. Já o segundo e o terceiro grupo se interessam pela cadeia complexa de atos, experiências e escolhas que levam ao produto final. Entretanto, há entre esses grupos um conceito comum ao se falar em Tradução: a equivalência. A ideia do texto traduzido está igual ao original ou é possível que tenha havido perdas de sentido no caminho até o texto traduzido? E é, majoritariamente, a partir dos conceitos de equivalência que tanto o consumidor de tradução quanto a crítica especializada classificam uma tradução como boa ou ruim.

Afastando-se da avaliação que explora primordialmente esses aspectos de equivalência para atribuir juízo de valor ao texto traduzido, no presente trabalho serão analisadas duas traduções do conto *Powder* do autor *Tobias Wolff*, realizadas pela mesma tradutora. A análise comparativa ancora-se em uma abordagem descritiva dentro dos Estudos da Tradução. As traduções foram realizadas em diferentes momentos: a primeira em 2012 e a segunda em 2016. Sem explorar os méritos qualitativos, será proposta aqui a análise das escolhas *per se*, levando em consideração as experiências e aprendizados adquiridos pela tradutora no lapso temporal entre as duas traduções, buscando, com isso, perceber como esses elementos (experiências e aprendizados) podem ser observados em uma situação empírica. Para tanto, será aplicado um viés descritivo de análise de traduções a partir do esquema hipotético proposto por José Lambert em seu texto *Sobre a descrição de traduções* (2011), bem como das normas descritivas proposta por Gideon Toury em sua obra *Descriptive Translation Studies and Beyond* (2012).

A escolha do conto a ser analisado surgiu do trabalho realizado em um grupo de estudos, criado por alunos do primeiro período do Curso de Bacharelado em Tradução, no ano

de 2012. Seis alunos do Curso de Tradução se reuniram, em uma atividade extracurricular, para ler e discutir contos originários de língua inglesa, com o intuito de praticar e aprimorar os conhecimentos em língua estrangeira, haja vista que, na grade de disciplinas do curso, o inglês é disciplina obrigatória. Após o primeiro encontro, foi decidido que além da prática da língua seria frutífera a prática, também, da tradução de textos literários. O grupo, que passou a se chamar *Round Table*, optou pela tradução de textos literários do gênero conto, escritos por autores contemporâneos. Tobias Wolff, nascido em 1945 no estado do Alabama, professor da universidade de Standford e conhecido por seus contos e romances, que descreve como autobiográficos, foi o escolhido pelo grupo. *Powder*, que descreve as memórias da viagem de inverno de um garoto, foi o primeiro conto traduzido. O segundo e último conto traduzido pelos alunos foi *Bullet in a brain*, também do mesmo autor, que descreve os pensamentos de um crítico literário ferido por uma bala no cérebro enquanto esperava em uma fila de banco. Uma data para que a tradução fosse finalizada era marcada e outra para que os integrantes se reunissem e cada um lesse suas respectivas traduções em uma profícua troca de experiências, inserida em uma prática pura e totalmente despretensiosa. A tradução realizada por mim, sendo um dos integrantes do grupo *Round Table*, do conto *Powder*, foi escolhida como objeto de análise do presente trabalho. Para que fosse possível avaliar como as experiências práticas agregam ao fazer tradutório e como a formação acadêmica específica em Tradução desenvolve a competência; bem como analisar se, em outro momento, as escolhas tradutórias seriam diferentes ou persistentes, traduzi novamente, o mesmo conto, no último semestre do Curso de Graduação.

Além da avaliação das escolhas tradutórias, a análise descritiva das traduções apresentará uma brevíssima avaliação do desenvolvimento das subcompetências tradutórias a partir das próprias experiências e do conhecimento adquirido, pela tradutora, ao longo do Curso de Bacharelado em Tradução na Universidade Federal da Paraíba. O modo de aquisição dessas subcompetências e como se deu sua evolução traz o olhar para o processo tradutório e para o

nível de consciência do tradutor ao realizá-lo. Acredita-se que, quanto mais consciente o tradutor esteja de suas escolhas, de sua proposta de tradução e da forma como atua na busca pela solução de problemas, maior é a qualidade do produto final. Será empregado como aporte teórico para a avaliação da competência as categorias de subcompetências de José Luís Vila Real Gonçalves e Ingrid Trioni Nunes Machado no texto *Um panorama do ensino de tradução e a busca da competência do tradutor* (2008). Será aplicado, também, o modelo de fluxo operacional de Fábio Alves no texto *A formação de tradutores a partir de uma abordagem cognitiva: reflexões de um projeto de ensino* (1997).

A chegada dos Estudos Descritivos da Tradução direcionou os olhares dos estudiosos não apenas para o confronto entre o texto traduzido e o texto de partida, mas, principalmente, para os fenômenos relacionados ao texto traduzido em si. Neste trabalho, questiona-se, observando o produto tradutório final, se seria possível perceber, através das escolhas feitas pela tradutora, a influência das experiências adquiridas ao longo de sua prática e da formação acadêmica, e como essas influências poderiam ser percebidas no texto traduzido final. Acredita-se que, ao analisar duas traduções feitas pela mesma tradutora em diferentes momentos, será possível perceber se suas escolhas se distinguirão, demonstrando um amadurecimento do pensamento sobre a sua própria atividade.

Para a avaliação das duas traduções foram adotadas nove categorias de análise, que serão apresentadas no capítulo assim intitulado Análise, quais sejam: nomes próprios, símbolos textuais, expressões, referências culturais, acréscimos, omissões, literalidade, compreensão errônea e título. Em cada categoria de análise será apresentado um quadro comparativo, que conterá, na primeira coluna, o excerto da tradução mais antiga e, na segunda coluna, o excerto referente ao mesmo trecho da tradução mais recente.

Este trabalho foi dividido em quatro capítulos: Introdução, Capítulo 1, apresenta em linhas gerais o que será feito, o Referencial Teórico, Capítulo 2, apresenta as abordagens

teóricas usadas como base para a análise aqui proposta. Em seguida, o Capítulo 3, Análise, traz quadros comparativos contendo as duas traduções realizadas e, por fim, o capítulo das Considerações Finais, Capítulo 4. Ao final do trabalho tem-se em anexo os textos traduzidos em sua íntegra e o conto na língua de partida.

2 Referencial Teórico

Os estudos descritivos, que surgiram na década de 1980, se estabeleceram como um contraponto aos estudos prescritivos da tradução, mostrando que, na verdade, não há como determinar uma norma padrão para todas as traduções. Ao contrário, o texto é dinâmico e interage com os elementos que o circundam, tais como a cultura que vai recebê-lo, a língua de chegada, o gênero textual, o momento em que foi realizada a tradução, o projeto tradutório e o próprio tradutor. A cultura de chegada pode ser uma cultura dominante, com uma grande variedade de gêneros literários em seu acervo histórico-artístico, ou uma cultura periférica com uma literatura ainda emergente. O gênero textual atua no estabelecimento de regras a serem seguidas no projeto tradutório, pois um romance certamente não será traduzido da mesma forma que um manual de montagem de carros. O tradutor e suas experiências pessoais também influenciarão o produto final, uma vez que estão intimamente ligadas às escolhas que serão feitas. Portanto, colocar em evidência o texto enquanto lugar de diferenças e re-expressões traz para os Estudos da Tradução abordagens menos prescritivas, que levam em consideração o texto e seu contexto. Segundo Santos e Gorovitz (2012, p.31) “discussões nesse sentido colocam em xeque a noção de estabilidade do texto fonte e, conseqüentemente, desestimulam o estabelecimento de normas fixas que determinam o que é certo ou errado na tradução.”

Ao buscar a literatura sobre estudos descritivos da Tradução faz-se leitura obrigatória o estudo desenvolvido por Gideon Toury (2012). Toury volta o olhar para a tradução em si independente de comparações com o texto na língua de partida e as recorrentes questões de equivalência. Nielsen, em sua dissertação de mestrado, diz que:

[...] os descritivistas investigam as possíveis razões que levaram o tradutor a adotar certas estratégias e ainda consideram o contexto sócio-histórico para obter uma melhor compreensão dos mecanismos que permitem às traduções funcionarem na cultura de recepção (NIELSEN, 2007, p. 32).

Toury se baseia no conceito de Polissistemas para desenvolver seus estudos orientados pela tradução. A Teoria dos Polissistemas foi apresentada, na década de 1970, por Itamar Even-Zohar e partiu de seu desejo de estudar a fundo a literatura israelense. Essa teoria entende que a cultura é um grande sistema subdividido em vários outros sistemas dinâmicos que, por serem hierarquizados, interagem entre si em uma constante tensão em busca de ocupar a posição mais central do sistema. Ocupar o lugar central é estar na posição de destaque desse sistema, é ditar as regras de como deve ser feito. Em meio a esses subsistemas que formam uma dada cultura está a tradução, considerada de menor *status*.

Para proceder a uma análise do texto traduzido, Toury traz algumas normas que, ao contrário do que se poderia pensar, não são regras do que é aceitável ou não para uma boa tradução, e sim padrões corriqueiramente utilizados pelos tradutores para a busca por soluções. Em uma comparação com o comportamento humano em sociedade, o autor explica que não existem regras fixas, mas acordos tácitos de como se deve comportar em determinadas situações sociais. “Com o tempo, conjuntos de convenções aceitas podem se cristalizar em uma complexa rotina de comportamentos que se tornam um tipo de segunda natureza para as pessoas enquanto membros de uma determinada comunidade. (Toury, 2012, p. 62) ”¹. Do mesmo modo isso acontece com o fazer tradutório. O autor explica que suas normas não são uma fórmula que todo tradutor deve seguir para traduzir bem e sim uma forma de analisar a tradução e entender em linhas gerais o comportamento dos tradutores, em dados contextos. Por isso, apesar de serem normas, são descritivas e não prescritivas.

Toury elenca três tipos de normas de tradução: normas preliminares, normas iniciais e normas operacionais. As normas preliminares são as decisões que se referem à escolha do texto e do autor. Já as normas iniciais, são estratégias principais que ocupam o topo da hierarquia entre as normas e que direcionam todas as outras. Dizem respeito ao texto fonte e as decisões

¹ Tradução nossa. *With time, sets of accepted conventions may crystallize into quite complex behavioural routines which become a kind of second nature of people as member of a particular community.*

adotadas pelo tradutor para tornar sua tradução adequada ou aceitável. A tradução adequada é aquela que reproduz as normas do texto de partida e a tradução aceitável é aquela que aplica as normas da cultura para a qual se traduz. Por último, as normas operacionais são aquelas que regulam as escolhas linguísticas durante o processo tradutório e se subdivide em dois grupos: as normas matriciais – relacionadas às escolhas referentes a estrutura interna do texto de chegada - e as normas textuais – relacionadas às escolhas linguísticas. De acordo com Nielsen:

Um dos pontos mais atraentes da abordagem descritivista é o firme compromisso de examinar todas as circunstâncias que contribuíram para que uma tradução assumisse determinada forma. Apesar de muito mais trabalhoso do que simplesmente apontar o dedo e condenar, tal atitude permite elaborar um panorama muito mais rico e justo da situação para que posteriormente sejam levantadas críticas (NIELSEN, 2007, p. 40).

José Lambert, em seu texto “Sobre a descrição de traduções” (2011, p. 198), questiona como a análise de traduções deveria ser conduzida de forma que tivesse relevância no âmbito teórico sem que a metodologia fosse unicamente intuitiva. Por isso, o autor apresenta um esquema hipotético para descrever traduções e explica: “Nosso esquema de referência deveria ser um padrão hipotético que nos permitisse caracterizar, não apenas um ou dois textos, mas estratégias textuais e tradutórias, ou seja, normas e modelos” (LAMBERT, 2011, p. 204). O esquema de Lambert verifica as estratégias utilizadas pelo tradutor avaliando se a tradução é aceitável ou adequada de acordo com as normas dominantes em determinada cultura a partir de questionamentos feitos ao tradutor sobre aspectos macro e microestruturais do texto tais como, o motivo da escolha do texto ou se o tradutor comete omissões e adições e o porquê.

Ao adotar um método flexível desse tipo, o estudioso ganhará um insight das regras textuais e tradutórias. Ele pode examiná-las em todo o texto e classificá-las de acordo com parâmetros específicos, sem ter que acumular exemplos aleatórios. [...] A abordagem sistêmica nos possibilita não apenas comentar a respeito das traduções com a mesma terminologia que utilizamos para comentar a respeito dos sistemas literários, mas também fazer afirmações descritivas gerais sobre todos os níveis tanto do sistema literário circundante como do sistema tradutório. (LAMBERT, 2011, p. 207 – 208 apud Guerini, Torres e Costa, 2011).

Além das análises feitas no produto final da tradução cabe também contemplar não apenas o reflexo do que aconteceu na mente do tradutor durante sua prática, mas também como

o tradutor adquire e desenvolve sua subcompetência a fim de solucionar seus problemas durante a tradução de forma cada vez mais ágil e fundamentada.

Atualmente, a importância dos cursos de tradução, tanto superiores como técnicos, aumenta entre os profissionais da área. Apenas o conhecimento da língua estrangeira já não é mais motivo suficiente para dar crédito a um tradutor. Ele precisa ter em sua mente uma variedade de estratégias que lhe permitam não apenas verter línguas, mas estar consciente das razões que o fizeram adotar certas escolhas em detrimento de outras. De acordo com Alves:

Parece-me natural, portanto, que o desenvolvimento da metodologia de tradução continue, cada vez mais, a enfatizar o papel do processo tradutório como um agente conscientizador no processo de formação de tradutores que, ao elevar o nível de reflexão dos aprendizes sobre a natureza e os aspectos cognitivos da tradução, gere, conseqüentemente, um aumento significativo na qualidade de suas traduções. (ALVES, 1997, p. 20).

Para avaliar o processo de tradução com foco na aquisição de competências, Alves utiliza um modelo de diagrama de fluxo com tradutores em treinamento no par linguístico português/inglês. Tal modelo divide o processo em sete etapas: automatização; bloqueio processual; apoio interno, apoio externo, combinação de apoio interno e externo, priorização e omissão de informações; e burilamento final do texto de chegada. Utilizando a técnica de protocolos verbais, que consiste em uma verbalização do processo concomitante ao seu desenvolvimento, o autor verificou, através da consciência do processo se haveria um crescimento na qualidade da tradução dos alunos.

- Automatização: é o processo inconsciente. As soluções já estão predefinidas na mente do tradutor.
- Bloqueio mental: é a interrupção no processo tradutório, caso o tradutor não encontre as soluções previamente em sua mente e nem possua conhecimento de mecanismos de apoio para buscar soluções.
- Apoio Interno: o tradutor é capaz de fazer conexões sobre o objeto da tradução e seus conhecimentos internos a fim de que, através do apoio externo, possa chegar à solução.

- Apoio externo: é a capacidade de o tradutor conhecer as formas e os mecanismos de consulta que o levarão à solução que procura.
- Combinação de apoios interno e externo: possibilidade de o tradutor utilizar as duas formas de conhecimento paralelamente na busca de soluções.
- Priorização e omissão de informações: são as decisões do tradutor com a intenção de dar prioridade a certos elementos ou omitir outros que conscientemente não considere relevantes. Nessa fase encontram-se as questões de fidelidade.
- Butilamento final do texto de chegada: trata-se da revisão final do texto traduzido.

A partir da análise dos parâmetros curriculares dos cursos de formação de tradutores no Brasil Gonçalves e Machado identificaram categorias de “conhecimentos, habilidades e subcompetências (GONÇALVES; MACHADO, 2008, p. 53)” em comum que são priorizadas pelos cursos de tradução. Para os autores, o intuito dessa análise é

[...] levantar informações para aprofundar as discussões e reflexões sobre os perfis dos cursos de tradução em geral, confrontando suas diretrizes didático-metodológicas com conceitos e implicações teóricas acerca do tema *competência tradutória/competência do tradutor* [...] (Gonçalves; Machado, 2008, p. 50).

As categorias de subcompetências apreendidas pelos estudiosos foram:

- Subcompetência linguística na língua materna: envolve especificamente os conhecimentos da língua materna do tradutor.
- Subcompetência linguística prévia na(s) língua(s) estrangeira(s): refere-se ao nível de proficiência do tradutor na língua estrangeira com a qual vai trabalhar.
- Subcompetência linguística a ser desenvolvida na(s) línguas estrangeira(s): refere-se às competências na língua estrangeira que ainda deverão ser desenvolvidas pelo tradutor.

- Subcompetência pragmática e sociolinguística na língua materna: está relacionado ao conhecimento que o tradutor possui, em sua língua materna, sobre o item a ser traduzido.
- Subcompetência pragmática e sociolinguística nas(s) língua(s) estrangeira(s): está relacionado ao conhecimento que o tradutor possui, na língua estrangeira com qual trabalha, sobre o item a ser traduzido.
- Conhecimento de ambas as culturas das línguas de trabalho: diz respeito à possibilidade de o tradutor utilizar o seu conhecimento sobre o tema a ser traduzido nas duas línguas e como ele utilizará ambos de forma a solucionar seus problemas.
- Conhecimentos temáticos: é considerada uma subdivisão da categoria “Conhecimento de ambas as culturas das línguas de trabalho”.
- Terminologia: concerne à utilização da linguagem especializada do tema sobre qual se está traduzindo.
- Conhecimentos declarativos sobre tradução: diz respeito aos conhecimentos teóricos do tradutor sobre tradução.
- Conhecimento relacionado à prática profissional: é o conhecimento do uso de ferramentas de pesquisas.
- Conhecimentos relacionados ao uso de fontes de documentação: é considerada uma subdivisão da categoria “Conhecimento relacionado à prática profissional”.
- Tecnologias que podem ser aplicadas à tradução: também considerada uma subdivisão da categoria “Conhecimento relacionado à prática profissional”.
- Conhecimentos operativos/procedimentais sobre tradução: refere-se ao processo de solução de problemas que já está definido na mente do tradutor.
- Aspectos cognitivos: se ligam aos processos mentais do tradutor sejam estes conscientes ou não.

- Aspectos metacognitivos: refere-se à consciência do tradutor sobre o seu próprio fazer.
- Conhecimentos contrastivos: envolve os conhecimentos linguísticos e pragmáticos do tradutor em ambas as línguas de trabalho.
- Aspectos emocionais subjetivos: diz respeito à aspectos subjetivos do tradutor que influenciam suas escolhas.

No capítulo dedicado à análise verificaremos a partir do cotejo entre as duas traduções do mesmo texto as escolhas feitas pela tradutora bem como uma avaliação do desenvolvimento das subcompetências tradutórias a partir de suas experiências pessoais e do conhecimento adquirido no curso de Bacharelado em Tradução.

3 Análise

3.1 Metodologia de análise

A primeira etapa de desenvolvimento do presente trabalho se deu a partir das traduções. O conto *Powder*, do autor Tobias Wolff, foi traduzido por mim em 2012 e, novamente, em 2016. A segunda tradução foi feita sem qualquer consulta ao texto traduzido inicialmente. Após a segunda tradução, foi organizado um quadro geral contendo, em uma coluna, a tradução de 2012, e na outra, a tradução de 2016 alinhadas em segmentos textuais correspondentes. Esse quadro serviu para que fossem verificadas todas as diferenças entre as duas traduções. A partir das diferenças constatadas, foram adotadas nove categorias de análise, quais sejam: nomes próprios, símbolos textuais, expressões, referências culturais, acréscimos, omissões, literalidade, compreensão do texto fonte e título. Para cada categoria de análise, novos quadros foram criados contendo em cada um apenas os excertos das traduções correspondentes à respectiva categoria. Esses quadros serão apresentados a seguir.

Do cotejo entre as duas traduções observamos também o desenvolvimento da subcompetência tradutória. Em cada categoria de análise observou-se a partir das diferenças nas escolhas tradutórias, quais subcompetências foram desenvolvidas e acionada em cada nova solução.

3.2 Categorias de análise

- Nomes próprios

Nesta categoria, foram avaliadas as soluções tradutórias referentes aos nomes próprios presentes no conto. Para essa categoria, adotou-se como nomes próprios os nomes de músicas,

peessoas, lugares, etc. Nessa categoria pode-se levantar uma reflexão acerca da estrangeirização e da domesticação, conceitos criados por Friedrich Schleiermacher e desenvolvidos, posteriormente, por Venuti. A estrangeirização corresponde àquelas escolhas tradutórias que mantêm algumas palavras ou expressões tal como se encontra no texto de partida, podendo o leitor identificar, no texto de chegada os elementos linguísticos da língua estrangeira. Já a domesticação, diz respeito a escolha do tradutor em ocultar os elementos linguísticos que poderiam ensejar ao leitor que se trata de um texto produzido, originalmente, em outra língua.

Todos os nomes próprios, observados no quadro 1, se mantiveram, nas duas traduções, exatamente como estão no texto de partida, ou seja, não houve mudanças entre a primeira e a segunda tradução no tocante aos nomes próprios. Nesse caso, ao manter os nomes próprios conforme se apresentam no texto fonte, fazendo uso do recurso de estrangeirização, apesar da possibilidade de causar algum tipo de estranhamento no leitor, acredita-se que a busca de tais referências (os nomes, os lugares, etc), se torna mais fácil. Segundo Cardoso em sua tese de doutorado: “Se a escolha for de aproximação ao texto-fonte, a estratégia adotada será de adequação; nos termos de Toury, dir-se-á que a tradução é, então, adequada; nessa escolha, geralmente há incompatibilidades com a cultura de chegada. (CARDOSO, 2015, p.41)”.

Quadro 1: Comparações referentes aos nomes próprios.

Primeira Tradução	Segunda Tradução
Pouco antes do natal meu pai me levou para esquiara na montanha Baker.	Pouco antes do natal meu pai me levou para esquiara no Monte Baker.
[...] para assistir Thelonious Monk.	[...] para ver Thelonious Monk.
Nós devolvemos nossos esquis e meu pai colocou correntes nas rodas do velho Austin-Healey [...]	Devolvemos nossos esquis e meu pai colocou correntes nos pneus do <i>Austin-Healey</i> [...]
Ele cantarolava “Stars Fell on Alabama”.	Ele cantarolava <i>Stars Fell on Alabama</i> .
– ele não cantou “O Tannenbaum”, mas estava quase –	(ele não cantou <i>O Tannebaum</i> , mas foi quase)

Tome-se, como exemplo, o *Austin-Healey*, que é uma marca de automóveis criada em 1952. O autor deixa no texto o nome do carro, pois ele é um elemento central do conto; a história se desenrola, em sua grande parte, dentro do *Austin-Healey*. Para que o leitor possa compreender de qual carro o autor está falando, bastaria uma simples pesquisa por imagens, o que pode ser feito da mesma forma para os outros nomes próprios apresentados no conto.

O fato de o ter mantido os nomes próprios da forma que estão no texto fonte, com o intuito de manter o texto com cara de tradução fazendo uso da estrangeirização demonstra o desenvolvimento dos conhecimentos declarativos de tradução, ou seja, dos conhecimentos teóricos de tradução adquiridos nas disciplinas de Teoria da Tradução. Tais conhecimentos seriam igualmente importantes caso a decisão fosse a de domesticar a tradução, pois, tendo ciência da teoria seria possível embasar e defender as escolhas tradutórias com segurança e propriedade o que não aconteceria na ausência dos conhecimentos acadêmicos de Tradução.

- Símbolos textuais:

Nesta categoria, entende-se por símbolos textuais, os sinais de pontuação, têm usos distintos nas línguas fonte e alvo. Em inglês, a marca textual que indica a fala do personagem é representada pelas aspas (“”). Em português, essa marca de fala é representada pelo travessão (-). Na primeira tradução, em razão da falta de experiência e do desconhecimento desse padrão, todas as aspas foram mantidas, conforme o texto de partida, para demarcar a fala dos personagens. Durante as discussões entre os membros do grupo *Round Table*, atentou-se para o fato da diferença de usos dos símbolos textuais em inglês e em português. Assim, na segunda tradução do conto, todas as aspas foram substituídas pelo travessão para marcar o início das falas dos personagens.

Aqui, ao contrário do que se percebe na categoria anterior, as escolhas tradutórias, referentes aos sinais de pontuação, se aproximam das regras da cultura do texto de chegada, o que, segundo Toury, são as normas iniciais. Ainda segundo Cardoso (CARDOSO, 2015, p.41):

“Se a escolha for de distanciamento, a estratégia será de aceitabilidade, a tradução será dita, então, aceitável; nesse caso, há mudanças consideráveis na tradução em relação ao texto fonte, aproximando-o da cultura-alvo”.

Nesse tópico, observa-se que foi ativada a subcompetência do conhecimento em ambas as culturas das línguas de trabalho bem como a subcompetência linguística na língua materna e na língua estrangeira. Houve a percepção, por parte da tradutora, do emprego diferenciado dos sinais de pontuação em cada uma das línguas trabalhadas e a adequação sistema linguístico da cultura de chegada.

Quadro 2: Comparações referentes aos símbolos textuais.

Primeira Tradução	Segunda Tradução
“Nossa. Essa vai ter que ser rápida”	- Minha Nossa! Essa vai ter que ser rápida.
“Você quer sopa?” meu pai perguntou.	- Quer sopa? - perguntou meu pai.
“Se anime”, ele disse. “Eu vou te deixar lá. Tudo bem, doutor?”	- Se anime. Eu vou te deixar lá. Certo, doutor
“Não me diga”, falou meu pai.	- Nem me fale. – disse meu pai.
Meu pai disse, “Olha. Nós estamos falando de treze, quatorze centímetros. Esse carro já passou por coisa muito pior que isso”.	-Veja, - disse meu pai - estamos falando de treze, quatorze centímetros. Eu já dirigi com esse carro em situações piores.
“A estrada está fechada”	- A estrada está fechada.
“Sua mãe nunca vai me perdoar por isso”, ele disse.	- Sua mãe nunca vai me perdoar por isso.
“Nós devíamos ter saído mais cedo,” eu disse. “doutor”.	- A gente deveria ter saído logo, doutor – eu disse.
“Ela não vai me perdoar,” ele disse. “Você compreende? Jamais.”	- Ela não vai me perdoar. Entende? Nunca!
“Acho que não”, eu disse, mas achismos não tinham sido solicitados	- Eu acho que não – eu disse, mas não precisava ser vidente para saber
“Eu não posso deixar isso acontecer”. Ele se inclinou em minha direção. “Vou dizer o que eu quero. Eu quero que a gente fique junto novamente. Você também quer?”	- Não posso deixar isso acontecer - disse se debruçando em minha direção. – Vou lhe dizer o que eu quero. Eu quero que nós fiquemos todos juntos novamente. Você quer isso?
“Sim, senhor”.	- Sim, senhor.

“Era tudo o que eu precisava ouvir.”	- Era tudo o que eu queria ouvir.
“Certo. <i>Vamos.</i> ”	- Certo, <i>vamos.</i>
“Tire isso da frente”, meu pai me disse.	- Afaste aquilo.
Quando eu o olhei, ele disse “O que é que você está esperando?”	Quando olhei para ele, disse: - Está esperando o que?
“Agora nós somos cúmplices”, disse. “Vamos nos ferrar juntos. Se eu cair você vai comigo”.	- Agora, você é meu cúmplice. Estamos juntos nisso.
“Brincadeira, filho”.	- Brincadeira, filho.
“Certo. <i>Vamos.</i> ”	- Certo, <i>vamos.</i>

- Expressões:

Considera-se expressões, nessa categoria, não apenas as expressões idiomáticas, mas também as interjeições e outras demonstrações de ideias através de palavras. As expressões populares ou idiomáticas são construções culturais. As formas de dizer variam de cultura para cultura. Segundo Edward Sapir (1956, *apud* Bassnett, 2003, p. 69) “uma língua não pode existir se não estiver inserida no contexto de uma cultura”. É preciso que o tradutor tenha isso em mente, compreenda a expressão e, se for esse seu intuito, procure a expressão equivalente na cultura de chegada.

Quadro 3: Comparações referentes as expressões.

Primeira Tradução	Segunda Tradução
Jurou pelo que há de mais sagrado [...]	Jurou por tudo o que há de mais sagrado [...]
Então eu coleí nele como chiclete no sapato [...]	Eu grudei nele feito carrapato [...]
Por que não? Isso vai entrar para a história.	Por que não? Mais uma história para a coleção.

“Nossa. Essa vai ter que ser rápida”	- Minha Nossa! Essa vai ter que ser rápida.
--------------------------------------	---

Tanto na primeira como na segunda tradução, as expressões contidas no conto foram reescritas, não como uma tradução literal da língua de partida, mas por uma outra expressão equivalente, já consagrada na língua de chegada. É interessante perceber que, das três expressões encontradas, duas foram traduzidas praticamente da mesma forma, na primeira e na segunda tradução, porém em uma, foram utilizadas expressões completamente diferentes, mas com o mesmo sentido. No texto de partida a expressão utilizada é “*like white in rice*” que significa “como branco no arroz”, se referindo a estar muito grudado, preso a algo. Na tradução de 2012 a expressão escolhida foi “como chiclete no sapato”. Já na tradução de 2016, a expressão utilizada foi “feito carrapato”.

Para a tradução das expressões, foram acionadas a subcompetência do conhecimento em ambas as culturas das línguas de trabalho, a subcompetência linguística na língua materna e na língua estrangeira e a subcompetência pragmática e sociolinguística nas línguas materna e estrangeira.

- Referências culturais:

Quadro 4: Comparações das referências culturais.

Primeira Tradução	Segunda Tradução
Porém, enquanto estávamos saindo do chalé naquela manhã [...]	Mas, enquanto fazíamos o checkout no resort [...]
Nós devolvemos nossos esquis e meu pai colocou correntes nas rodas do velho <i>Austin-Healey</i> [...]	Devolvemos nossos esquis e meu pai colocou correntes nos pneus do <i>Austin-Healey</i> [...]
Ele não falou comigo novamente até estarmos na mesa de um restaurante, esperando por nossos hambúrgueres	Ele não falou mais comigo até estarmos na mesa da lanchonete, esperando por nossos hambúrgueres.

Meu pai disse, “Olha. Nós estamos falando de treze, quatorze centímetros.	-Veja, - disse meu pai - estamos falando de treze, quatorze centímetros.
“Certo. <i>Vamosos.</i> ”	- Certo, <i>vamosos.</i>

Há dois exemplos no quadro 4 em que se pode levantar a questão da intraduzibilidade; os excertos dispostos na primeira e terceira linha. De acordo com Catford (1980), existem dois tipos de intraduzibilidade: cultural e linguística. Quando não é possível encontrar na língua de chegada uma estrutura que possa substituir àquela utilizada na língua de partida tem-se um problema de intraduzibilidade linguística. Já o problema da intraduzibilidade cultural ocorre quando não existe na cultura de chegada uma palavra ou um “traço situacional relevante presente no texto da língua de partida (Sapir, 1956, apud Basset, 2003, p.64) ”.

Na primeira linha do quadro temos o exemplo das palavras “chalé” e “resort” respectivamente da primeira e segunda tradução. No texto de partida a palavra utilizada foi *lodge* que, como pode ser encontrado no dicionário *on line* Ditech, apresenta a seguinte definição:

“São meios de hospedagem ambientais ou ecológicas, geralmente localizadas em áreas de selva ou de atrativos naturais preservados. Denominavam-se assim, inicialmente, os meios de hospedagem construídos, na selva africana, para alojar os participantes dos safáris. Pode-se encontrar, hoje, além dos lodges de selva, e.g. os lodges de neve”.²

A história de *Powder* se passa em uma montanha durante uma viagem de inverno, portanto, o *lodge* da história encontra-se na neve. Ao pesquisar em um site de buscas *on line* as imagens que aparecem ao digitar a palavra *lodge*, os resultados mostram um complexo de casas de madeira, rústicas, mas em sua maioria luxuosas, geralmente localizadas em regiões de montanha. Em razão de se parecerem com “chalés”, optou-se, na primeira tradução pela

² Disponível em <<http://www.ditech.com.br/dicionario/termos-tecnicos/turismo/significado-de/lodge/>>

utilização dessa palavra. Já na segunda tradução a palavra escolhida foi “resort”. O site *Wikipédia* traz o seguinte conceito para chalé:

“Alguns dicionários definem o chalé como uma habitação de madeira com um telhado inclinado e com beirados, comum na Suíça e em outras regiões alpinas, porém, no Brasil e em Portugal o termo pode ser usado para qualquer casa de campo, pousada ou de praia construída neste estilo.”³

A intenção era passar a ideia de um complexo de casas de madeira que não fossem chalés, pois estes remetem ao leitor brasileiro a ideia de uma casinha pequena e simples, e que ficasse em uma estação de esqui, o que não existe no Brasil. Optei por utilizar “resort” pois passa a ideia de um complexo e, ao pesquisar sobre resorts em locais que possuem estações de esqui, encontram-se imagens que se assemelham àqueles obtidas na busca da palavra *lodge*.

Na terceira linha do quadro tem-se “as mesas” que foi a escolha para a tradução da palavra *booth*, que é um tipo de mesa com poltronas cumpridas muito comum em lanchonetes nos Estados Unidos. Apesar de, no Brasil, ser possível encontrá-las em lanchonetes, não existe uma palavra específica utilizada para esse tipo diferenciado de mesa. Esses dois exemplos observados suscitaram a questão da intraduzibilidade cultural.

Outro ponto interessante é observado na segunda linha do quadro. Em países onde neva no inverno, colocam-se correntes nos pneus dos carros para evitar acidentes advindos da derrapagem. Apesar de ser uma questão cultural muito específica e pouco conhecida aqui no Brasil, em nenhuma das traduções existe uma nota de rodapé explicativa.

Na penúltima linha do quadro 4 observa-se a tradução de uma unidade de medida. No texto de partida a medida utilizada estava em “*inches*”. Optou-se por não estrangeirizar a unidade de medida o que requereu a conversão para centímetros, unidade de medida utilizada

³ Disponível em < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Chal%C3%A9>> Acesso em: outubro de 2016.

no Brasil. No exemplo da última linha do quadro, tem-se a palavra “*vamos*” que foi escrita propositalmente em espanhol no texto de partida e, por isso, mantida nas duas traduções.

Além das subcompetências já mencionadas nos quadros 2 e 3, para a solução dos problemas de tradução desta categoria, foi utilizado o conhecimento relacionado à prática profissional, haja vista o emprego de ferramentas de pesquisa.

- Acréscimos:

Quadro 5: Comparações referentes aos acréscimos.

Primeira Tradução	Segunda Tradução
A neve, <u>que caía intensamente</u>, nos envolvia. Rajadas de vento, silvando como areia nos cegava e nós ainda esquiávamos.	A neve rodopiava cortante em nossa volta, uma ventania que cegava, sibilando como areia e mesmo assim continuávamos esquiando.
O policial estadual ficou em pé <u>novamente</u>. Eu não podia ver seu rosto, mas pude ouvi-lo.	O policial se endireitou. Eu não conseguia mais ver seu rosto, mas eu podia ouvi-lo
Então, não havia nada além de neve: neve na estrada, neve saindo das correntes, neve nas árvores, neve no céu e nosso rastro na neve.	Não havia mais nada além de neve: neve na estrada, neve saindo das correntes <u>nos pneus</u> , neve nas árvores, neve no céu e nosso rastro na neve.
[...] se você ainda não dirigiu sobre a <u>macia</u> neve virgem, você ainda não sabe o que é dirigir.	[...] se você ainda não dirigiu na neve virgem, você não sabe o que é dirigir.

Não houve acréscimos que causaram mudanças radicais entre as duas traduções, porém é relevante apontar os exemplos das duas últimas linhas do quadro. Na segunda tradução foi acrescentada a palavra “pneus”, que não aparece no texto de partida e nem na primeira tradução. Na tradução de 2016 foi percebido que a informação de que correntes haviam sido colocadas nos pneus estava no início do texto e muito distante do trecho em questão, que menciona o fato novamente. O acréscimo da palavra “pneus” auxilia o leitor a lembrar de qual corrente o autor

estaria se referindo. Os acréscimos nos trechos presentes no quadro 5 estão sublinhados para facilitar a visualização por parte do leitor.

Na última linha do quadro 5 tem-se o exemplo do acréscimo do adjetivo macio, na primeira tradução. Uma das qualidades da neve *powder* é o fato de ser macia. Na tentativa de demonstrar mais características apontadas para esse tipo de neve além do fato de ser intocada (virgem) foi acrescentado esse adjetivo, o que não ocorreu na nova tradução.

- Omissões:

Quadro 6: Comparações referentes às omissões.

Primeira Tradução	Segunda Tradução
Depois, ele agradeceu ao policial, e com uma estranha demonstração de cautela, deu a volta <u>no carro</u>.	Então, ele agradeceu ao policial e, com uma demonstração de cautela esquisita, fez a volta.
-	- Vamos lá, vamos lá – disse, embora não para mim.
Alguns flocos finos de neve entravam esparsamente no carro, mas eram sugados pela ventilação.	Alguns flocos de neve, leves e esparsos, entravam <u>pela grade do radiador</u> e eram soprados para fora.

As omissões observadas nos exemplos da primeira e da segunda linha do quadro, foram realizadas de forma consciente, ou seja, não foram um descuido. Uma das omissões se deu pela desnecessidade de tradução da palavra “carro”, pois a expressão “fez a volta”, já deixa implícito de que foi com o carro. A outra omissão, que ocorreu no exemplo da última linha do quadro, na primeira tradução, ocorreu por desconhecimento de estratégias de busca que ajudassem a descobrir com precisão a parte do carro por onde estava entrando a neve. Assim como na categoria anterior, as omissões nos trechos presentes no quadro 6 estão sublinhados para facilitar a visualização por parte do leitor.

Já no exemplo apresentado na segunda linha, observa-se a omissão de um segmento inteiro. Tal omissão foi totalmente inconsciente. Durante o processo de tradução, o desconhecimento de ferramentas de auxílio à tradução, que ajudam a segmentar o texto para que se traduza sem pular nenhuma parte, concorreu para que esse segmento passasse despercebido.

Para as omissões propositais denotam o uso da subcompetência metacognitiva, em razão da consciência do tradutor sobre seu próprio fazer. Já a omissão acidental, demonstra uma lacuna na utilização da subcompetência procedimental.

- Literalidade

Quadro 7: Comparações referentes à literalidade.

Primeira Tradução	Segunda Tradução
Então eu coleí nele como chiclete no sapato, repeti seus movimentos e de algum modo cheguei até o fim sem navegar no penhasco.	Eu grudei nele feito carrapato, fiz o que ele fazia e de algum modo consegui chegar sem deslizar penhasco abaixo.
“Você diz isso agora, mas algum dia você vai tirar sua carteira e vai pensar que pode fazer tudo. Acontece que você não é capaz de fazer isso. Você precisa, sei lá – de um certo instinto.”	- Você diz isso agora, mas um dia você vai ter sua carteira de motorista e aí vai achar que consegue fazer isso. Só que você não consegue. Para fazer isso você precisa ter, sei lá, um certo instinto.

Nessa categoria, observa-se as escolhas tradutórias que ficaram muito ligadas ao do texto de partida de modo que se percebe a estrutura da língua fonte. No primeiro exemplo do quadro, foi utilizada, na primeira tradução, “navegar no penhasco” que é exatamente a expressão utilizada no texto fonte (*sailing off a cliff*). Na segunda tradução, uma maior liberdade foi tomada em relação ao texto com o distanciando das palavras exatas utilizadas no texto de partida e, mantendo o sentido de despencar, utilizou-se a expressão “deslizar penhasco abaixo”.

Essa liberdade que aparece na segunda tradução revela um desenvolvimento da subcompetência linguística na língua materna bem como da subcompetência pragmática e sociolinguística também na língua materna.

No segundo exemplo, apesar de o segmento apresentar pequenas alterações na primeira e na segunda tradução, ambas continuaram presas ao texto de partida utilizado a palavra “isso” demasiadamente, pois no inglês é comum o uso excessivo da palavra *it*.

- Compreensão errônea do texto fonte:

Quadro 8: Comparações referentes à compreensão do texto fonte.

Primeira Tradução	Segunda Tradução
Meu pai sentou-se com as duas mãos no volante esfregando a madeira com seus polegares.	Meu pai, sentado com as duas mãos no volante, esfregava a madeira com os polegares.
Eu senti a neve bater no assoalho do carro bem embaixo dos meus pés.	Eu sentia a neve deslizar no tapete sob os meus pés.
Eu ouvi. Eu escutei a bofetada das correntes, a tensão, o raspar seco dos limpadores, o ronco do motor.	Eu ouvi. Ouvi o som das correntes batendo, o barulho dos limpadores raspando, o ronronar do motor.

No primeiro exemplo da primeira tradução o verbo sentar foi utilizado no pretérito perfeito do indicativo, o que passa a ideia de que o pai estava em pé e depois sentou. Já na segunda tradução o verbo utilizado no pretérito imperfeito passa a ideia real do texto fonte que utiliza o verbo *sat*. Ao ler o conto percebe-se que o pai estava sentado e não sai do carro para falar com o guarda, portanto, dizer que se sentou passa uma ideia errônea que deixaria o leitor confuso.

No exemplo da terceira linha do quadro, foi utilizado “a tensão, o raspar seco dos limpadores” para o trecho “*the stiff, jerky rasp of the wipers*”. À época da primeira tradução não foi percebido que o adjetivo *stiff* se referia também aos limpadores, por isso a palavra tensão ficou solta no meio da sentença. Ainda nesse segmento, é interessante falar do ronronar do motor. No texto fonte o autor utiliza “*the purr of the engine. It really did purr*”, que realmente significa ronronar, como fazem os felinos. Na primeira tradução, ao substituir ronronar por roncar, termo mais utilizado ao se referir ao barulho do motor, o estranhamento proposital criado pelo autor do texto foi apagado. Segundo Moisés (2006), no conto “cada palavra ou frase há de ter sua razão de ser na economia global da narrativa, a ponto de, em tese, não poder substituí-la ou alterá-la sem afetar o conjunto (Moisés, 2006, p.41) ”. Por essa razão, foi mantido, na segunda tradução o estranhamento causado pelo uso da palavra ronronar.

No exemplo apontado na segunda linha do quadro, há um caso diverso dos dois citados acima. A compreensão equivocada do texto fonte não aconteceu na primeira tradução, mas sim na segunda. A neve batia em baixo no assoalho do carro e não, entrava pelo tapete, como foi colocado na nova tradução, o que fornece uma imagem totalmente diferente daquela contida no texto fonte.

Fábio Alves (1997) questiona se o desenvolvimento das competências tradutórias também desenvolveria por consequência a competência linguística. Através da observação das diferentes escolhas entre o primeiro e o segundo texto traduzido percebe-se que de fato há um aperfeiçoamento da competência linguística, porém, tal aperfeiçoamento não impede que o tradutor cometa erros de compreensão da língua do texto original.

- Título:

O título do conto, que se manteve igual nas duas traduções, apresenta dois grandes problemas para o desenvolvimento da tradução. *Powder* aparece como obstáculo de tradução,

primeiramente em razão das múltiplas acepções da palavra. Uma pesquisa mais superficial em dicionários nos fornece, para *powder*, significados que se relacionam a pó e poeira. Entretanto, esse não é o uso da palavra no contexto do conto de Tobias Wolff. Visto que em nossa cultura não vivenciamos o fenômeno meteorológico da neve, é difícil imaginar que existem vários tipos da mesma. Talvez seja este o motivo pelo qual os dicionários bilíngues inglês-português não apresentem ocorrências de uso neste contexto peculiar.

Quadro 9: Comparações referentes ao título.

Primeira Tradução	Segunda Tradução
Neve Virgem	Neve Virgem
[...] se você ainda não dirigiu sobre a macia neve virgem, você ainda não sabe o que é dirigir.	[...] se você ainda não dirigiu na neve virgem, você não sabe o que é dirigir.

O segundo obstáculo relacionado a palavra *powder* está na retomada dessa palavra no final do texto. Portanto, a mesma solução utilizada no título teria que ser utilizada na linha final do conto de Wolff. O site *Ski in Argentina* traz a seguinte acepção: “*Powder* é a neve que cai seca e, uma vez acumulada no chão, continua seca. Voa com o vento. É a melhor neve para esquiar, pois possibilita o esquiador deslizar facilmente”⁴. Outras acepções lhe conferem as características de ser um pó, recém caída, leve e intocada. A escolha pela característica de ela ser intocada para traduzir o título, foi justamente o segundo aspecto de dificuldade já mencionado, a repetição da palavra na linha final. Ao descrever as imagens que via depois de ultrapassar a barreira criada pelos guardas, o garoto menciona o fato de estar impressionado por

⁴ Tradução nossa. *Is the snow which falls dry and, once accumulated on the ground, continues dry. It flies away with wind. It is the best snow to ski, as it enables skier to glide across easily.* Disponível em < <http://www.skiinargentina.com/en/18/Ski-Tips> > Acesso em: outubro de 2016.

olhar para trás e ver que a neve não possuía nenhuma outra marca que não fosse a do carro deles, ela estava intocada.

3.3 Subcompetências

Com relação à aquisição das competências tradutórias ao longo do curso, várias diferenças, além das textuais, podem ser elencadas. Na segunda tradução, é possível perceber que houve um desenvolvimento das competências linguísticas na língua estrangeira, apesar de não impedir que erros de compreensão possam acontecer, o que se deveu às matérias cursadas de inglês. Houve também um desenvolvimento dos conhecimentos declarativos sobre tradução. As matérias de teoria da tradução e principalmente as práticas de tradução foram responsáveis pela evolução dessa área. As tecnologias e os conhecimentos procedimentais também foram desenvolvidos da primeira para a segunda tradução. Na segunda tradução, foram utilizadas ferramentas de busca e apoio que eram desconhecidas na produção da primeira tradução. Dicionário de corpora, dicionários de sinônimos e a busca mais refinada e direcionada no *google* se tornaram habituais o que resultou em uma solução de problemas muito mais rápida. A evolução de todos esses aspectos levou também ao desenvolvimento do aspecto metacognitivo, ou seja, a consciência do tradutor sobre o seu próprio fazer. Ter certeza de certas escolhas, acréscimos e omissões e fazer isso de forma consciente. Tudo isso deixa o tradutor mais seguro de seu fazer, preparado para embasar suas escolhas e defender sua tradução e mais livre para, se quiser ou precisar, se desprender do texto de partida e deixar seu texto muito mais fluido da língua que o está recebendo.

3 Considerações Finais

No presente trabalho intentou-se perceber se, através da análise descritiva de duas traduções do mesmo conto realizadas pela mesma tradutora, seria possível perceber como suas experiências e práticas influenciariam o seu fazer tradutório, bem como analisar, brevemente, através dos textos traduzidos, o desenvolvimento de sua subcompetência tradutória ao longo de sua formação acadêmica. Tal expectativa confirmou-se aqui; através da observação das escolhas tradutórias foi possível perceber o amadurecimento do pensamento da tradutora sobre sua própria atividade.

Com relação às escolhas tradutórias, verificou-se que a tradutora, na segunda tradução realizada, apresentou maior consciência sobre o seu próprio fazer. A percepção das diferenças entre os símbolos textuais; a preocupação de pensar se a imagem mental poderia ser alterada em razão da escolha tradutória, como no caso de *lodge*; a decisão deliberada de tornar expressões menos literais e mais aproximadas ao jeito de dizer da língua de chegada demonstram que, entre a primeira e a segunda tradução, houve uma evolução da reflexão da tradutora.

Percebe-se também que as escolhas tradutórias, em ambas as traduções, não foram totalmente orientadas pela cultura alvo e nem totalmente orientadas pela cultura fonte, mas foram feitas a partir da combinação desses dois fatores. Isto confirma a teoria de Toury que afirma que, em uma tradução, as escolhas não serão absolutamente adequadas, ou seja, sempre próximas da língua de partida, e nem totalmente aceitáveis, ou seja, sempre próximas da língua de chegada, mas fruto da mescla entre as duas normas.

Ademais, é possível observar que houve um aprimoramento da subcompetência tradutória, desde a competência linguística, como também da subcompetência de apoio interno e externo, de priorização de informações e maturidade do tradutor. Com relação ao

aprimoramento da subcompetência linguística, verificamos que, apesar de não impedir completamente que erros sejam cometidos, houve uma diminuição de erros de compreensão da língua de partida, advindos dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso e das experiências da tradutora no ínterim entre a realização das traduções. Apenas dois casos de erros, que possivelmente não deveriam ter ocorrido por conta da prática e da evolução dos conhecimentos acadêmicos, foram encontrados.

Acredita-se ser interessante, a partir dos dados da análise comparada das traduções do mesmo texto e da mesma tradutora, uma futura investigação acerca da interpretação feita pelo tradutor do texto traduzido e de como um erro de compreensão, por parte do tradutor, pode alterar a essência do texto e mudar a imagem mental construída pelo leitor.

Referencial Teórico

ALVES, Fábio. A formação de tradutores a partir de uma abordagem cognitiva: reflexões de um projeto de ensino. Tradterm, São Paulo, 4/2, 2º semestre, p.19-40, 1997.

BASSNET, Susan. Estudos de Tradução: fundamentos de uma disciplina. Trad. Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

CARDOSO, Ana Cristina Bezerril. La Fontaine no Brasil: história, descrição e análise paratextual de suas traduções. 2015. 166 f. Tese (doutorado em Tradução) – Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

GONÇALVES, José Luís Vila Real; MACHADO, Ingrid Trioni Nunes. Um panorama do ensino de tradução e a busca da competência do tradutor. Cadernos de Tradução, Florianópolis, v.1, n.17 p. 45-69, 2008.

LAMBERT, José. Literatura & tradução: textos selecionados de José Lambert. Trad. Walter Carlos Costa. In: GUERINI, Andréia; TORRES; Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter (Orgs.). Rio de Janeiro: 7 letras, 2011.

MOISÉS, Massaud. A criação literária: prosa. São Paulo: Cultrix, 2006.

NIELSEN, Annie Alvarenga Hyldgaard. A face oculta de Pagu: um caso de pseudotradução no Brasil do século XX. 2007. 102 f. Dissertação (Mestrado em letras) – Centro de Teologia e ciências humanas, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2007.

SANTOS, Maria Tereza Marques; GOROVITZ, Sabine. In-Traduções, Florianópolis, v. 4, n. 6, p.29-41, 2012.

TOURY, Gideon. Descriptive translation studies and beyond. Revised editon. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012

Conto *Powder*, WOLFF; Tobias. Disponível em <http://olympia.osd.wednet.edu/media/olympia/departments/english/bronemann/powder_short_story.pdf> Acesso em: outubro de 2016.

ANEXO A – Powder

Just before Christmas my father took me skiing at Mount Baker. He'd had to fight for the privilege of my company, because my mother was still angry with him for sneaking me into a nightclub during his last visit, to see Thelonious Monk.

He wouldn't give up. He promised, hand on heart, to take good care of me and have me home for dinner on Christmas Eve, and she relented. But as we were checking out of the lodge that morning it began to snow, and in this snow he observed some rare quality that made it necessary for us to get in one last run. We got in several last runs. He was indifferent to my

fretting. Snow whirled around us in bitter, blinding squalls, hissing like sand, and still we skied. As the lift bore us to the peak yet again, my father looked at his watch and said, "Criminy. This'll have to be a fast one."

By now I couldn't see the trail. There was no point in trying. I stuck to him like white on rice and did what he did and somehow made it to the bottom without sailing off a cliff. We returned our skis and my father put chains on the Austin Healey while I swayed from foot to foot, clapping my mittens and wishing I was home. I could see everything. The green tablecloth, the plates with the holly pattern, the red candles waiting to be lit.

We passed a diner on our way out. "You want some soup?" my father asked. I shook my head. "Buck up," he said. "I'll get you there. Right, doctor?"

I was supposed to say, "Right, doctor," but I didn't say anything.

A state trooper waved us down outside the resort. A pair of sawhorses were blocking the road. The trooper came up to our car and bent down to my father's window. His face was bleached by the cold. Snow flakes clung to his eyebrows and to the fur trim of his jacket and cap.

"Don't tell me," my father said.

The trooper told him. The road was closed. It might get cleared, it might not. Storm took everyone by surprise. So much, so fast. Hard to get people moving. Christmas Eve. What can you do.

My father said, "Look. We're talking about five, six inches. I've taken this car through worse than that."

The trooper straightened up. His face was out of sight but I could hear him. "The road is closed."

My father sat with both hands on the wheel, rubbing the wood with his thumbs. He looked at the barricade for a long time. He seemed to be trying to master the idea of it. Then he thanked the trooper, and with a weird, old-maidy show of caution turned the car around. "Your mother will never forgive me for this," he said.

"We should have left before," I said. "Doctor."

He didn't speak to me again until we were in a booth at the diner, waiting for our burgers. "She won't forgive me," he said. "Do you understand? Never."

“I guess,” I said, but no guesswork was required; she wouldn’t forgive him.

“I can’t let that happen.” He bent toward me. “I’ll tell you what I want. I want us all to be together again. Is that what you want?” “Yes, sir.”

He bumped my chin with his knuckles. “That’s all I needed to hear.”

When we finished eating he went to the pay phone in the back of the diner, then joined me in the booth again. I figured he’d called my mother, but he didn’t give a report. He sipped at his coffee and stared out the window at the empty road. “Come on, come on,” he said, though not to me. A little while later he said it again. When the trooper’s car went past, lights flashing, he got up and dropped some money on the check. “Okay. Vamanos.”

The wind had died. The snow was falling straight down, less of it now and lighter. We drove away from the resort, right up to the barricade. “Move it,” my father told me. When I looked at him he said, “What are you waiting for?” I got out and dragged one of the sawhorses aside, then put it back after he drove through. He pushed the door open for me. “Now you’re an accomplice,” he said. “We go down together.” He put the car into gear and gave me a look. “Joke, son.”

Down the first long stretch I watched the road behind us, to see if the trooper was on our tail. The barricade vanished. Then there was nothing but snow: snow on the road, snow kicking up from the chains, snow on the trees, snow in the sky; and our trail in the snow. Then I faced forward and had a shock. The lay of the road behind us had been marked by our own tracks, but there were no tracks ahead of us. My father was breaking virgin snow between a line of tall trees. He was humming “Stars Fell on Alabama.” I felt snow brush along the floorboards under my feet. To keep my hands from shaking I clamped them between my knees.

My father grunted in a thoughtful way and said, “Don’t ever try this yourself.”

“I won’t.”

“That’s what you say now, but someday you’ll get your license and then you’ll think you can do anything. Only you won’t be able to do this. You need, I don’t know—a certain instinct.”

“Maybe I have it.”

“You don’t. You have your strong points, but not this. I only mention it because I don’t want you to get the idea this is something just anybody can do. I’m a great driver. That’s not a

virtue, okay? It's just a fact, and one you should be aware of. Of course you have to give the old heap some credit, too. There aren't many cars I'd try this with. Listen!"

I did listen. I heard the slap of the chains, the stiff, jerky rasp of the wipers, the purr of the engine. It really did purr. The old heap was almost new. My father couldn't afford it, and kept promising to sell it, but here it was.

I said, "Where do you think that policeman went to?"

"Are you warm enough?" He reached over and cranked up the blower. Then he turned off the wipers. We didn't need them. The clouds had brightened. A few sparse, feathery flakes drifted into our slipstream and were swept away. We left the trees and entered a broad field of snow that ran level for a while and then tilted sharply downward. Orange stakes had been planted at intervals in two parallel lines and my father steered a course between them, though they were far enough apart to leave considerable doubt in my mind as to exactly where the road lay. He was humming again, doing little scat riffs around the melody.

"Okay then. What are my strong points?"

"Don't get me started," he said. "It'd take all day."

"Oh, right. Name one."

"Easy. You always think ahead."

True, I always thought ahead. I was a boy who kept his clothes on numbered hangers to insure proper rotation. I bothered my teachers for homework assignments far ahead of their due dates so I could draw up schedules. I thought ahead, and that was why I knew that there would be other troopers waiting for us at the end of our ride, if we even got there. What I did not know was that my father would wheedle and plead his way past them—he didn't sing "O Tannenbaum," but just about—and get me home for dinner, buying a little more time before my mother decided to make the split final. I knew we'd get caught; I was resigned to it. And maybe for this reason I stopped moping and began to enjoy myself.

Why not? This was one for the books. Like being in a speedboat, only better. You can't go downhill in a boat. And it was all ours. And it kept coming, the laden trees, the unbroken surface of snow, the sudden white vistas. Here and there I saw hints of the road, ditches, fences, stakes, but not so many that I could have found my way. But then I didn't have to. My father was driving. My father in his forty-eighth year, rumped, kind, bankrupt of honor, flushed with certainty. He was a great driver. All persuasion, no coercion. Such subtlety at the wheel, such

tactful pedalwork. I actually trusted him. And the best was yet to come—switchbacks and hairpins impossible to describe. Except maybe to say this: if you haven't driven fresh powder, you haven't driven.

ANEXO B – Neve Virgem (2012)

Pouco antes do natal meu pai me levou para esquiarm na montanha Baker. Ele teve que brigar pelo o privilégio da minha companhia, já que minha mãe ainda estava furiosa por ele ter me levado escondido a uma boate, durante sua última visita, para assistir Thelonious Monk.

Ele não iria desistir. Jurou pelo que há de mais sagrado que iria cuidar bem de mim e me levar para casa, para o jantar na véspera do Natal, e ela consentiu. Porém, enquanto

estávamos saindo do chalé naquela manhã, começou a nevar e nessa neve ele observou uma qualidade rara que se fazia necessária para que pudéssemos dar uma última esquiada. Nós demos várias últimas esquiadas. Ele foi indiferente à minha inquietação. A neve, que caía intensamente, nos envolvia. Rajadas de vento, silvando como areia nos cegava e nós ainda esquiávamos. À medida que o teleférico subia lentamente, mais uma vez, até o pico da montanha, meu pai olhou para o relógio e disse, “Nossa. Essa vai ter que ser rápida”.

Eu não conseguia ver a trilha e não havia razão em tentar. Então eu coleí nele como chiclete no sapato, repeti seus movimentos e de algum modo cheguei até o fim sem navegar no penhasco. Nós devolvemos nossos esquis e meu pai colocou correntes nas rodas do velho Austin-Healey, enquanto eu oscilava de um pé para o outro, batendo minhas luvas e desejando estar em casa. Eu podia visualizar tudo. A toalha de mesa verde, os pratos pintados com estampas de azevinho, as velas vermelhas esperando para serem acesas.

No caminho de volta, passamos por um restaurante. “Você quer sopa?” meu pai perguntou. Eu balancei a cabeça. “Se anime”, ele disse. “Eu vou te deixar lá. Tudo bem, doutor?”

Ele esperava que eu respondesse “Tudo bem doutor”, mas eu não disse nada.

Um policial estadual acenou de fora do resort. Um par de cavaletes bloqueava a estrada. O policial veio até o nosso carro e se inclinou na janela do meu pai. Seu rosto estava descolorido devido ao frio. Flocos de neve grudavam em suas sobranceiras, na gola de pele de seu casaco e em seu chapéu.

“Não me diga”, falou meu pai.

O policial disse. A estrada estava fechada. Talvez fosse liberada, talvez não. A tempestade pegou todo mundo de surpresa. Tanta neve e tão rápido. Fica difícil fazer as pessoas se deslocarem. Véspera de Natal. O que se pode fazer.

Meu pai disse, “Olha. Nós estamos falando de treze, quatorze centímetros. Esse carro já passou por coisa muito pior que isso”.

O policial estadual ficou em pé novamente. Eu não podia ver seu rosto, mas pude ouvi-lo. “A estrada está fechada”.

Meu pai sentou-se com as duas mãos no volante esfregando a madeira com seus polegares. Ele encarou a barricada por um logo tempo tentando tirar dali uma ideia. Depois, ele

agradeceu ao policial, e com uma estranha demonstração de cautela, deu a volta no carro. “Sua mãe nunca vai me perdoar por isso”, ele disse.

“Nós devíamos ter saído mais cedo,” eu disse. “doutor”.

Ele não falou comigo novamente até estarmos na mesa de um restaurante, esperando por nossos hambúrgueres. “Ela não vai me perdoar,” ele disse. “Você compreende? Jamais.”

“Acho que não”, eu disse, mas achismos não tinham sido solicitados; ela não iria perdoá-lo.

“Eu não posso deixar isso acontecer”. Ele se inclinou em minha direção. “Vou dizer o que eu quero. Eu quero que a gente fique junto novamente. Você também quer?”

“Sim, senhor”.

Ele me deu um soquinho no queixo. “Era tudo o que eu precisava ouvir.”

Quando terminamos de comer ele foi ao orelhão que ficava nos fundos do restaurante, depois juntou-se novamente a mim na mesa. Eu imaginei que ele tivesse ligado para minha mãe, mas nenhum relato foi feito. Ele deu um gole na xícara de café e ficou encarando a estrada vazia através da janela. Quando o carro do policial passou, com suas luzes piscando, ele se levantou e jogou o dinheiro da conta sobre a mesa. “Certo. *Vamosos*.”

O vento tinha parado. A neve caía reta. Menos que agora e mais leve. Nós fomos com o carro para longe do resort, direto para a barricada. “Tire isso da frente”, meu pai me disse. Quando eu o olhei, ele disse “O que é que você está esperando?” Eu saí do carro e arrastei um dos cavaletes para o lado. Coloquei de volta assim que ele passou. Ele abriu a porta pra mim “Agora nós somos cúmplices”, disse. “Vamos nos ferrar juntos. Se eu cair você vai comigo”. Ele colocou o carro em marcha e me olhou. “Brincadeira, filho”.

No primeiro longo trecho eu olhei a estrada que ficou pra trás para ver se o guarda estava nos seguindo. A barricada desaparecera. Então, não havia nada além de neve: neve na estrada, neve saindo das correntes, neve nas árvores, neve no céu e nosso rastro na neve. Depois eu olhei para frente e tive um choque. O chão da estrada atrás de nós havia sido marcado pelo nosso próprio rastro, mas não havia rastros adiante. Meu pai estava quebrando gelo virgem entre uma linha de árvores altas. Ele cantarolava “Stars Fell on Alabama”. Eu senti a neve bater no assoalho do carro bem embaixo dos meus pés. Para impedir que minhas mãos tremessem, eu apertei-as entre os joelhos.

Meu pai resmungou pensativo, “Nunca faça isso.”

“Não farei.”

“Você diz isso agora, mas algum dia você vai tirar sua carteira e vai pensar que pode fazer tudo. Acontece que você não é capaz de fazer isso. Você precisa, sei lá – de um certo instinto.”

“Talvez eu tenha.”

“Não tem. Você tem seus pontos fortes, mas não isso. Eu só mencionei porque eu não quero que você pense que qualquer pessoa pode fazer isso. Eu sou um excelente motorista. Não é uma virtude, certo? É apenas um fato e você deve ficar ciente. Claro que você tem que dar algum crédito ao carango também. Eu não tentaria isso com qualquer carro. Ouviu?”

Eu ouvi. Eu escutei a bofetada das correntes, a tensão, o raspar seco dos limpadores, o ronco do motor. Ele realmente roncava. O carango era quase novo. Meu pai não podia arcar com as despesas dele e vivia prometendo vendê-lo, mas aqui estava.

Eu disse, “Aonde você acha que o policial foi?”

“Você está bem aquecido?” ele se esticou e girou o botão do aquecedor. Depois desligou o limpador. Nós não precisávamos dele. As nuvens haviam clareado. Alguns flocos finos de neve entravam esparsamente no carro, mas eram sugados pela ventilação. Nós saímos do caminho de árvores e entramos num largo campo de neve que se manteve plano por um tempo e depois se inclinou bruscamente para baixo. Estacas cor-de-laranja foram plantadas em intervalos de duas linhas paralelas e meu pai dirigiu por entre elas, apesar de estarem distantes o suficiente para deixar a dúvida na minha cabeça de aonde exatamente a estrada dava. Ele cantarolava novamente fazendo pequenos improvisos na melodia.

“Tá bom. Quais são os meus pontos fortes?”

“Não vou nem começar,” ele disse. “Eu levaria o dia inteiro.”

“Ah, tá. Diga um.”

“Fácil. Você sempre pensa à frente.”

Verdade. Eu sempre pensei à frente. Eu era um garoto que matinha as roupas em cabides numerados para garantir rotação adequada. Eu incomodava os professores por tarefas de casa com datas muito adiante para que eu pudesse organizar meus horários. Eu pensava à frente e era por isso que eu sabia que haveria outros policiais esperando por nós no final do nosso passeio; se nós conseguíssemos chegar lá. O que eu não sabia era que meu pai iria adular e

implorar nesse trecho que passava por eles – ele não cantou “O Tannenbaum”, mas estava quase – e que me levaria para o jantar em casa, enrolando um pouco mais até minha mãe decidir dar o último tchau. Eu sabia que a gente seria pego; eu estava conformado com isso. E talvez, por essa razão, afastei o desânimo e comecei a me divertir.

Por que não? Isso vai entrar para a história. É como estar em uma lancha, só que melhor. Você não pode descer morro abaixo em uma lancha. E era tudo nosso. E continuavam vindo, as árvores pesadas, a superfície inexorável, a imagem branca repentina. Aqui e ali eu via pedaços de estrada, de valas, de cercos, de estacas, mas nada que pudesse me situar no caminho. Mas, eu não precisava. Meu pai estava dirigindo. Meu pai, em seus 48 anos, enrugado, amável, com a honra falida, ruborescido de convicção. Ele era um excelente motorista. Cem por cento persuasão e zero coerção. Tanto requinte ao volante, tanta estratégia aos pedais. Eu realmente confiava nele. E o melhor ainda estava por vir – as curvas fechadas e em ziguezague eram impossíveis de serem descritas. Exceto, talvez dizer o seguinte: se você ainda não dirigiu sobre a macia neve virgem, você ainda não sabe o que é dirigir.

ANEXO C - Neve Virgem (2016)

Pouco antes do natal meu pai me levou para esqui no Monte Baker. Ele teve que brigar para ter o privilégio da minha companhia, pois minha mãe ainda estava com raiva por ele ter me levado escondido à uma boate, em sua última visita, para ver *Thelonious Monk*.

Ele não iria desistir. Jurou por tudo o que há de mais sagrado que cuidaria bem de mim e que me traria de volta para a ceia da véspera do Natal e ela cedeu. Mas, enquanto fazíamos o *checkout* no resort, naquela manhã, começou a nevar e ele reparou naquela neve uma qualidade rara que fazia com que fosse necessário esquiarmos uma última vez. Esquiarmos por várias últimas vezes. Ele estava indiferente à minha inquietação. A neve rodopiava cortante em nossa volta, uma ventania que cegava, sibilando como areia e mesmo assim continuávamos

esquiando. Enquanto o teleférico nos levava para o topo, mais uma vez, meu pai olhou para o relógio e disse:

- Minha Nossa! Essa vai ter que ser rápida.

Agora eu não conseguia mais ver a pista. Nem adiantava tentar. Eu grudei nele feito carrapato, fiz o que ele fazia e de algum modo consegui chegar sem deslizar penhasco abaixo. Devolvemos nossos esquis e meu pai colocou correntes nos pneus do *Austin-Healey* enquanto eu me balançava, alternando o peso do meu corpo de um pé para o outro, batendo minhas luvas e desejando estar em casa. Eu conseguia imaginar tudo. A toalha de mesa verde, os pratos com estampas de visco, as velas vermelhas esperando para serem acesas.

Passamos por uma lanchonete no caminho.

- Quer sopa? - perguntou meu pai.

Balancei a cabeça.

- Se anime. Eu vou te deixar lá. Certo, doutor?

Eu deveria dizer “certo, doutor”, mas não eu disse nada.

Fora do resort, um policial acenou para nós. Dois cavaletes bloqueavam a estrada. O policial se aproximou do nosso carro e se inclinou na janela do meu pai. Seu rosto estava descolorido por conta do frio. Havia flocos de neve grudados em suas sobrancelhas, na gola de pelo de seu casaco e no quepe.

- Nem me fale. – disse meu pai.

O policial falou. A estrada estava fechada. Talvez fosse liberada, talvez não. A tempestade pegou todo mundo de surpresa. Tanta neve e tão rápido. Seria difícil as pessoas se locomoverem. Véspera de natal, o que se pode fazer.

-Veja, - disse meu pai - estamos falando de treze, quatorze centímetros. Eu já dirigi com esse carro em situações piores.

O policial se endireitou. Eu não conseguia mais ver seu rosto, mas eu podia ouvi-lo.

- A estrada está fechada.

Meu pai, sentado com as duas mãos no volante, esfregava a madeira com os polegares. Ele olhou para a barricada por um longo tempo. Parecia tentar planejar algo. Então, ele agradeceu ao policial e, com uma demonstração de cautela esquisita, fez a volta.

- Sua mãe nunca vai me perdoar por isso.

- A gente deveria ter saído logo, doutor – eu disse.

Ele não falou mais comigo até estarmos na mesa da lanchonete, esperando por nossos hambúrgueres.

- Ela não vai me perdoar. Entende? Nunca!

- Eu acho que não – eu disse, mas não precisava ser vidente para saber. Ela não iria perdoá-lo.

- Não posso deixar isso acontecer - disse se debruçando em minha direção. – Vou lhe dizer o que eu quero. Eu quero que nós fiquemos todos juntos novamente. Você quer isso?

- Sim, senhor.

Ele me deu um soquinho no queixo.

- Era tudo o que eu queria ouvir.

Quando terminamos de comer ele foi ao orelhão nos fundos da lanchonete e depois voltou para mesa. Eu imaginei que ele tivesse ligado para a minha mãe, mas ele não fez um relatório. Ele tomou um gole de café e olhou pela janela para a estrada vazia.

- Vamos lá, vamos lá – disse, embora não para mim.

Quando o carro da polícia, passou com as luzes piscando, ele se levantou e jogou um dinheiro em cima da conta.

- Certo, *vamosos*.

O vento tinha parado. A neve caía reta, era agora mais escassa e leve. Nós dirigimos para longe do resort em direção à barricada.

- Afaste aquilo.

Quando olhei para ele, disse:

- Está esperando o que?

Saí do carro e arrastei um dos cavaletes. Coloquei de volta depois que ele passou. Ele abriu a porta para mim.

- Agora, você é meu cúmplice. Estamos juntos nisso.

Ele engatou a marcha e olhou para mim.

- Brincadeira, filho.

Depois de percorrermos um longo trecho, olhei para a estrada atrás de nós para ver se o policial estava nos seguindo. A barricada já tinha desaparecido. Não havia mais nada além de neve: neve na estrada, neve saindo das correntes nos pneus, neve nas árvores, neve no céu e nosso rastro na neve. Então, olhei para frente e tive um choque. A estrada atrás de nós tinha nossa marca, mas não havia nenhuma marca à frente. Meu pai desvirginava a neve entre um caminho de árvores altas alinhadas. Ele cantarolava *Stars Fell on Alabama*. Eu sentia a neve deslizar no tapete sob os meus pés. Para evitar que minhas mãos tremessem eu as imprensava entre as pernas.

Meu pai grunhia pensativo:

- Nunca tente fazer isso.

- Não vou tentar.

- Você diz isso agora, mas um dia você vai ter sua carteira de motorista e aí vai achar que consegue fazer isso. Só que você não consegue. Para fazer isso você precisa ter, sei lá, um certo instinto.

- Talvez eu tenha.

- Não tem. Você tem seus pontos fortes, mas isso você não tem. Estou falando essas coisas porque eu não quero que você ache que é algo que qualquer um consiga fazer. Eu sou um excelente motorista. Não é uma virtude, entende? É apenas um fato e um fato do qual você precisa estar ciente. É claro que você também tem que dar créditos ao carango. Eu não tentaria fazer isso com qualquer carro. Ouça!

Eu ouvi. Ouvi o som das correntes batendo, o barulho dos limpadores raspando, o ronronar do motor. Ronronava de verdade. O carango estava quase novo. Meu pai não tinha condições de mantê-lo e vivia prometendo que ia vender, mas aí estava ele.

- Aonde você acha que o policial foi? – perguntei.

- Você está bem aquecido?

Ele se inclinou e aumentou o aquecedor. Depois, desligou os limpadores. Não precisávamos mais deles. As nuvens haviam clareado. Alguns flocos de neve, leves e esparsos, entravam pela grade do radiador e eram soprados para fora. Passamos pelas árvores e entramos

em um vasto campo de neve que tinha uma parte de superfície reta, mas depois se inclinava em uma descida abrupta. Estacas laranjas foram colocadas esparsamente formando duas linhas paralelas e meu pai dirigia entre elas, embora estivessem afastadas o suficiente deixando uma dúvida considerável na minha cabeça de onde exatamente aquela estrada daria. Ele cantarolava novamente fazendo improvisações na melodia.

- Certo. Então, quais são os meus pontos fortes?
- Nem sei por onde começar. Levaria um dia todo.
- Ah, certo. Diga uma.
- Fácil. Você sempre pensa à frente.

Verdade, eu sempre pensei à frente. Eu era um menino que mantinha suas roupas em cabides numerados para garantir rotatividade. Eu importunava meus professores para que passassem as tarefas de casa com muita antecedência da data de entrega para que eu pudesse preparar um cronograma. Eu pensava à frente e era por isso que eu sabia que haveria outros guardas esperando por nós ao final da estrada, se conseguíssemos chegar lá. O que eu não sabia era que meu pai iria tentar argumentar, seduzindo o guarda com elogios até conseguir passar (ele não cantou *O Tannebaum*, mas foi quase) e que me levaria para jantar em casa e que ficaria lá um tempo até minha mãe fazer a despedida final. Eu sabia que nós seríamos pegos. Já estava conformado. E talvez, por essa razão, eu parei de ficar desanimado e comecei a aproveitar.

Por que não? Mais uma história para a coleção. Era como estar em uma lancha, só que melhor. Não dá para descer morro abaixo com uma lancha. E aquilo tudo era nosso. E vinha ainda mais: as árvores carregadas, a superfície de neve intocada, as repentinas paisagens brancas. Aqui e acolá eu via pedaços de estrada, valas, cercas, estacas, mas não o suficiente para que eu me orientasse do caminho. Mas, eu não precisava. Meu pai estava dirigindo. Meu pai, em seus quarenta e oito anos, enrugado, bondoso, falido de honra, coberto de certeza. Ele era um excelente motorista. Todo persuasão, sem coerção. Tanta sutileza no volante, tanto cuidado nos pedais. Eu realmente confiava nele. E o melhor ainda estava por vir: ladeiras tão íngremes e curvas tão fechadas impossíveis de descrever. Exceto, talvez, dizer: se você ainda não dirigiu na neve virgem, você não sabe o que é dirigir.

